



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
<http://www.cecs.uminho.pt>

**“Nós somos diferentes mas eles são todos iguais”:
Um estudo sobre estereótipos e percepção da variabilidade
grupala entre jovens angolanos e portugueses***

Rosa Cabecinhas
Professora Auxiliar

cabecinhas@ics.uminho.pt

Universidade do Minho
Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade
Campus de Gualtar
4710-057 Braga
Portugal

*Cabecinhas, R. (1998). *“Nós somos diferentes, mas eles são todos iguais”*: Um estudo sobre estereótipos e percepção da variabilidade grupala entre jovens angolanos e portugueses. Actas do V Colóquio de Sociologia das Organizações *Portugal: Assimetrias no (sub) Desenvolvimento*, Universidade do Minho, 28-29 de Maio de 1998.

Título

“Nós somos diferentes, mas eles são todos iguais”: Um estudo sobre estereótipos e percepção da variabilidade grupal entre jovens angolanos e portugueses*

* Os dados aqui apresentados foram recolhidos entre Outubro de 1997 e Abril de 1998, no âmbito do projecto de doutoramento da autora, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. A autora agradece a Eugénio Silva, membro da Associação de Estudantes Angolanos em Portugal, assim como a Amélia Mutango, Carlos Gando, Ruben Silva e Viegas Bernardo, pela sua colaboração neste projecto. Agradece igualmente a todos os estudantes angolanos e portugueses que participaram voluntariamente nos diversos estudos.

Resumo

Na presente investigação testámos a hipótese de que o posicionamento dos grupos na estrutura social assume um papel moderador nos processos de estereotipização e na variabilidade grupal percebida. Neste estudo, portugueses autóctones e imigrantes angolanos responderam a um questionário sobre as suas percepções sobre o grupo de pertença e o grupo dos outros. Em concordância com a nossa hipótese, os resultados demonstraram que o grupo dos angolanos é percebido de forma mais homogénea do que o grupo dos portugueses, tanto por participantes portugueses como angolanos. A discussão dos resultados focaliza-se no papel do estatuto relativo dos grupos nas percepções de homogeneidade grupal, averiguadas através de medidas derivadas ou não do conteúdo dos estereótipos sociais.

Abstract

The present study addressed the hypothesis that the groups' social status is a moderator factor of the perceived group variability. In this study, Angolan immigrants and native Portuguese answered a questionnaire about the ingroup and the outgroup. In support of our hypothesis, results showed that participants homogenized Angolan group members more than Portuguese group members. The discussion focuses on the role of the groups' positioning within a social structure on homogeneity perceptions assessed by measures related or not with the content of social stereotypes.

1. INTRODUÇÃO

Diálogo entre Malcolm X e um colega da prisão².

Malcolm X - *Deus é Negro?! Toda a gente sabe que Deus é Branco!*

Colega - *Tu acreditas em tudo o que o Homem Branco te ensinou! O Homem Branco ensinou-te que tu és um curandeiro negro e tu acreditaste. Ensinou-te a olhar para um Jesus louro de olhos azuis com pele branca. Ensinou-te que o negro é a maldição e tu acreditaste. Já alguma vez olhaste a palavra ‘Negro’ no dicionário?*

M.- *Para quê?*

C.- *Já alguma vez estudaste algo que não fosse aldrabice? Anda comigo. “Negro: destituído de luz, desprovido de cor, envolto em escuridão, inteiramente funesto como ‘o futuro parece negro’ (...) “Manchando com sujidade, repelente... sujo... sombrio... hostil... sinistro como ‘um dia negro’... abominável ou ultrajantemente malvado como ‘crueldade negra’... indicando desgraça, desonra ou culpabilidade”. E há mais: “Mercado negro, magia negra, bola preta, (...)”. Agora vamos ver “Branco”. Aqui, lê.*

M.- *“Branco: a cor da neve pura... reflectindo todas as cores do espectro, o oposto de ‘negro’, isento de mancha ou defeito, inocente, puro, sem má intenção, inofensivo, recto, honrado”. Hei, isto foi escrito por Brancos... Isto é um livro de Brancos!*

C.- *Sim, isto não é seguramente um livro do Homem Negro.*

M.- *Então, porque é que o estamos a ler?*

C.- *Porque a verdade está aqui...se tu leres por detrás das palavras. Tu tens que pegar em tudo o que o Homem Branco diz e usa-lo contra ele.*

² Excerto do filme: *Malcolm X* de Spike Lee (1992), baseado no livro *The Autobiography of Malcom X*. Diálogo no original:

Malcolm X - *God is Black?! Everybody knows God is White!*

Colega de prisão - *Everything the White man taught you, you accept it. He taught you you were a Black healer and you believed it. He taught you to watch for a blond blue-eyed Jesus with a white skin. He taught you Black is a curse and you believed that. Did you ever look up the word “black” in a dictionary?*

M.- *For what?*

C.- *Did you ever study anything that wasn’t part of a con?*

M.- *What the hell for, man?*

C.- *Come with me! “Black: destitute of light; devoid of colour; enveloped in darkness; hence utterly dismal or gloomy as ‘the future looked black’”*

M.- *Pretty good with them words, ain’t you?*

C.- *“Soiled with dirt...foul...sullen...hostile...forbidding as ‘a black day’...foully or outrageously wicked as ‘black cruelty’...indicating disgrace, dishonour or culpability’. And there’s others: blackmail, blackball, blackguard*

M.- *Hey man, that’s something, all right...*

C.- *Let’s look up ‘White’. Here...Read.*

M.- *“White: the colour of pure snow...reflecting all the rays of the spectrum, the opposite of ‘black’, free from spot or blemish, innocent, pure, without evil intent, harmless, honest, squaredealing, honourable”. Hey man, this was written by white folks...This is a Whites’ book!*

C.- *This surely ain’t no Black Man’s book.*

M.- *So, why are we reading this for?*

C.- *Because the truth is lying here...if you read behind the words. You have to take everything the White Man says and use it against him...*

Este curto excerto do filme *Malcolm X* de Spike Lee (1992) serviu-nos para introduzir uma temática amplamente discutida neste século no seio das ciências sociais: os estereótipos sociais, nomeadamente os estereótipos associados à cor da pele ou a minorias étnicas.

Desde que Walter Lippmann (1922) introduziu o conceito de estereótipo nas ciências sociais, inúmeros têm sido os estudos efectuados sobre esta temática, utilizando os mais diversos procedimentos (desde as questões directas de tipo ‘papel e lápis’ até sofisticadas experiências usando medidas implícitas, como o tempo de reacção e a organização da informação em memória).

Durante as primeiras décadas as pesquisas focalizaram-se no *conteúdo* dos estereótipos, sendo estes conceptualizados em termos de traços prototípicos de um dado grupo (Katz e Braly, 1933; Gilbert, 1951). Posteriormente, com o desenvolvimento da psicologia cognitiva, os investigadores passaram a centrar-se nos *processos* em detrimento dos conteúdos (e.g., Hamilton, 1979; Snyder, 1981). Aos primeiros investigadores interessava sobretudo analisar a influência do meio sociocultural na produção dos conteúdos dos estereótipos, enquanto aos segundos interessava analisar os estereótipos como produto inevitável das nossas limitações cognitivas no processamento da informação social.

A pesquisa sobre os processos de formação, manutenção e mudança dos estereótipos e as suas implicações nas interacções sociais tornou notória a necessidade de ter em conta não só a *tendência central percebida* de um dado grupo, mas também a sua *variabilidade grupal percebida*, isto é, o grau em que os indivíduos julgam o grupo como relativamente heterogéneo ou homogéneo (Cabecinhas, 1996).

A investigação que aqui apresentamos, sem negligenciar os conteúdos associados aos estereótipos, focaliza-se na percepção da variabilidade grupal. A importância da variabilidade grupal percebida advém do facto de ser um dos factores que pode influenciar o sucesso das medidas de mudança dos estereótipos e o combate da discriminação intergrupal (e.g., Oakes, Haslam & Turner, 1994). Quando os membros de um grupo são percebidos como um todo homogéneo, perdem o seu estatuto de ‘pessoas’ singulares. Passam a ser percebidos apenas enquanto membros do grupo,

tornando-se mais facilmente objecto de preconceito e de discriminação. Assim, as estratégias de mudança dos estereótipos com vista à diminuição da discriminação, devem incidir não só na modificação da representação prototípica do grupo (tendência central percebida) mas também na da variabilidade grupal percebida.

A pesquisa sobre a percepção da variabilidade grupal desenvolveu-se essencialmente nas últimas duas décadas, tendo na maior parte dos casos demonstrado o chamado *efeito de homogeneidade do exogrupo*, ou seja, a tendência para perceber o grupo dos outros como mais homogéneo do que o grupo de pertença (e.g., Quattrone e Jones, 1980). No entanto, várias revisões de literatura têm demonstrado que, apesar de habitualmente o exogrupo ser percebido como mais homogéneo do que o endogrupo, em algumas circunstâncias, o endogrupo é percebido como mais homogéneo do que o exogrupo (e.g., Devos, Comby & Deschamps, 1996; Krueger, 1992; Simon, 1992). Assim, complexos padrões de homogeneidade e de diferenciação podem acontecer dependendo da natureza das relações intergrupais (e.g., Cabecinhas, 1994; Lorenzi-Cioldi, 1988).

As investigações conduzidas por Simon e colaboradores têm evidenciado que o efeito de homogeneidade do exogrupo pode ser invertido quando os indivíduos são membros de grupos minoritários (e.g., Simon & Pettigrew, 1990; Simon, Glässner-Bayerl & Stratentwerth, 1991). No entanto, Lorenzi-Cioldi e colaboradores argumentam que o factor crítico não é o *tamanho* relativo dos grupos, mas o *estatuto social* relativo (Lorenzi-Cioldi, 1998; Lorenzi-Cioldi, Eagly & Stewart, 1995; Lorenzi-Cioldi, Deaux & Dafflon, 1998). Nesta perspectiva, as posições relativas dos grupos não dependem estritamente do seu tamanho ou de factores contingenciais. Estão ancoradas em sistemas de valores partilhados numa dada sociedade que determinam a não permutabilidade dessas posições relativas (Amâncio, 1994; Deschamps, 1982; Guillaumin, 1992).

De acordo com Lorenzi-Cioldi (1988; 1998), o estatuto influencia profundamente o processamento da informação social: os grupos dominantes enfatizam a distintividade individual e a diferenciação interpessoal, enquanto que os grupos dominados salientam a indiferenciação dos seus membros. Sendo assim, os membros do grupo dominado são percebidos de forma mais homogénea do que os membros do grupo dominante, independentemente do observador ser ele próprio membro de um grupo ou de outro.

Este modelo tem recebido algum apoio empírico com categorias sexuais: as mulheres (grupo dominado) são mais homogeneizadas do que os homens (grupo dominante) (e.g., Lorenzi-Cioldi, 1993; Lorenzi-Cioldi, Eagly & Stewart, 1995). Contudo, a relevância desta perspectiva estende-se a outros grupos sociais ocupando posições assimétricas na estrutura social.

O principal objectivo deste trabalho foi analisar o impacto do estatuto social na variabilidade grupal percebida. Nesse sentido, escolhemos trabalhar com grupos cujo relacionamento é marcado por uma forte assimetria de estatuto: os *grupos étnicos*.

Para seleccionar o grupo minoritário, realizámos dois estudos piloto. O primeiro estudo piloto teve como finalidade averiguar quais os *grupos étnicos* considerados mais significativos pelos estudantes portugueses. Verificámos que os estudantes, para além dos ‘ciganos’, mencionaram essencialmente grupos associados à cor da pele (brancos/negros) e associados à nacionalidade (angolanos, cabo-verdianos, etc.).

O segundo estudo piloto teve como objectivo avaliar o estatuto social dos grupos seleccionados a partir do primeiro estudo (angolanos, brasileiros, cabo-verdianos, ciganos, guineenses, indianos, macaenses, moçambicanos, santomenses e timorenses). Os dados foram recolhidos em seis cidades de diferentes zonas geográficas de Portugal: Braga, Bragança, Évora, Faro, Lisboa e Porto. A avaliação do estatuto dos grupos foi obtida através da pontuação média de seis escalas, relativas ao nível educacional, ao nível cultural, ao nível económico, ao estatuto social, ao prestígio e ao poder. Verificámos que os ‘ciganos’ constituem o grupo de menor estatuto percebido, no entanto, este varia consideravelmente de norte para sul do país. Seguem-se os grupos constituídos por imigrantes oriundos dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), sendo que o seu estatuto percebido semelhante nas várias zonas do país. Tendo em conta estes resultados, optou-se por seleccionar um grupo de origem africana.

O grupo minoritário seleccionado foi o de nacionalidade angolana, uma vez que se trata do segundo grupo de origem africana mais significativo em termos numéricos na população residente em Portugal e um dos menos estudados (o primeiro grupo é constituído pelos cabo-verdianos, sobre os quais já existem diversos estudos). Seleccionado o grupo-alvo minoritário, efectuámos mais dois estudos piloto, nos quais participaram estudantes portugueses e estudantes angolanos residentes em Portugal,

para investigar os estereótipos destes dois grupos, seguindo o procedimento adoptado por Amâncio (1994).

No terceiro estudo os participantes, angolanos e portugueses, foram confrontados com uma tarefa de associação livre de palavras (as palavras-estímulo foram: “os angolanos são...” e “os portugueses são...”, em ordem contrabalançada). Das palavras referidas espontaneamente pelos participantes foram seleccionadas as mais frequentes para construir uma lista de traços para o próximo estudo.

No quarto estudo os participantes, angolanos e portugueses, foram confrontados com uma lista de 80 traços, seleccionados a partir dos resultados do estudo anterior, associada a três escalas: uma escala para avaliar até que ponto cada um dos traços era considerado característico dos angolanos; outra escala para avaliar até que ponto cada um dos traços era considerado característico dos portugueses; e uma escala para avaliar a valência de cada um dos traços.

A ambos os grupos foram associados mais traços positivos do que traços negativos, mas o conteúdo desses traços diferiu significativamente. Os traços de expressividade, sociabilidade e exotismo foram predominantemente associados aos angolanos (por exemplo: alegres, festivos, cheios de ritmo) enquanto que os traços ligados à instrumentalidade foram preferencialmente associados aos portugueses (por exemplo: trabalhadores, empreendedores).

Este estudo serviu-nos para seleccionar os traços que viriam a ser utilizados no estudo experimental, que apresentaremos de seguida, no qual investigámos de forma mais sistemática a percepção da variabilidade grupal. De acordo com a perspectiva de Lorenzi-Cioldi (1988), e considerando os resultados de estudos anteriores (Cabecinhas, 1996), esperávamos uma manifestação assimétrica do efeito de homogeneidade do exogrupo em função do estatuto relativo dos grupos, mais concretamente, esperávamos uma maior homogeneização perceptiva do grupo dos ‘angolanos’, tanto por participantes angolanos como portugueses.

2. MÉTODO

Participantes e desenho

Participaram neste estudo 163 estudantes, 55 angolanos (20 rapazes e 35 raparigas) e 108 portugueses (48 rapazes e 60 raparigas). A idade média dos participantes angolanos é de 25 anos enquanto que a idade média dos participantes portugueses é de 21 anos, $\chi^2 = 65.95$, $p < 0.001$. Todos os ‘angolanos’ que participaram neste estudo nasceram em Angola, residindo em Portugal, em média, há 7 anos.

Este estudo foi constituído por duas fases. Na primeira fase foi efectuada uma tarefa de formação de impressões, cujos resultados serão apresentados numa comunicação posterior. Na segunda parte, os estudantes responderam a um questionário cujos resultados vamos discutir neste artigo. O questionário era composto por diversas questões sobre os ‘angolanos’ e os ‘portugueses’, sendo a ordem das questões contrabalançada (aproximadamente metade dos estudantes começava por responder às questões sobre os ‘angolanos’ e depois respondia às questões sobre os ‘portugueses’, enquanto a outra metade começava por responder às questões sobre os ‘portugueses’ e só depois respondia em relação aos ‘angolanos’).

Este questionário permitiu-nos trabalhar com o seguinte desenho: 2 (grupo-alvo: endogrupo vs. exogrupo) x 2 (grupo do participante: angolanos vs. portugueses) x 2 (sexo do participante: masculino vs. feminino) x 2 (ordem de apresentação dos grupos-alvo: primeiro os angolanos vs. primeiro os portugueses). Todas as variáveis são inter-participantes (*between-subjects*), à excepção da primeira que é intra-participantes (*within-subjects*).

Procedimento e instrumentos de medida

Os participantes receberam um questionário com uma série de questões sobre cada um dos grupos-alvo: os ‘angolanos’ e os ‘portugueses’. A ordem dos grupos-alvo foi contrabalançada. A investigadora apelou à sinceridade dos participantes no preenchimento das suas respostas e garantiu a confidencialidade das mesmas.

Os julgamentos sobre os grupos-alvo foram efectuados a partir de uma reduzida lista de traços que era apresentada aos participantes. Estes traços foram seleccionados a partir do quarto estudo piloto, tendo em conta os seguintes critérios: a existência de consenso

entre os participantes angolanos e portugueses quanto à estereotipicalidade de cada traço e simultaneamente quanto à sua valência avaliativa. Assim foram seleccionados: dois traços considerados típicos dos angolanos - festivos (positivo) e preguiçosos (negativo) - e dois traços considerados típicos dos portugueses - trabalhadores (positivo) e individualistas (negativo).

Estimação de percentagens (Park & Rothbart, 1982). Como já referimos, os participantes foram confrontados com quatro traços, dois estereotípicos dos angolanos (festivos e preguiçosos) e dois estereotípicos dos portugueses (trabalhadores e individualistas). A tarefa dos participantes era estimar a percentagem (de 0% a 100%) de membros de cada um dos grupos-alvo que possuía cada um destes traços.

Para calcular a medida de variabilidade grupal percebida, subtraímos a média dos traços contra-estereotípicos à média dos traços estereotípicos (PERSC). O valor desta diferença (estereotípicos *minus* contra-estereotípicos) reflecte em que medida os membros do grupo são vistos como conformando-se com o estereótipo grupal. Valores elevados indicam baixa variabilidade grupal percebida (muitos membros do grupo são vistos como possuindo os traços estereotípicos e poucos são vistos como possuindo os traços contra-estereotípicos). Valores baixos indicam alta variabilidade grupal percebida ou menor conformidade com o estereótipo grupal.

Estimação de médias e estimação de amplitude (Park & Judd, 1990). Os participantes foram confrontados com os mesmos quatro traços da tarefa anterior e foi-lhes pedido para estimar a média de cada grupo marcando uma cruz em quatro linhas de 100mm de comprimento, cujos extremos correspondiam à presença ou ausência de cada um dos traços (e.g., nada festivo – muito festivo). A seguir, na próxima página do questionário, foi pedido aos participantes para indicarem na mesma série de linhas, onde se situavam os membros mais extremos do grupo (por exemplo: foi-lhes pedido para indicarem onde se situaria a pessoa ‘menos festiva’ e também onde se situaria a pessoa ‘mais festiva’). Assim, os participantes julgavam primeiro a tendência central do grupo e depois a sua dispersão.

O valor médio de cada grupo nos quatro traços foi tomado como um indicador da tendência central. A diferença entre a pontuação atribuída aos membros extremos do grupo foi considerada como a amplitude percebida em cada traço (AMPLI). Tal como

na tarefa anterior, a média dos traços contra-estereotípicos foi subtraída à média dos traços estereotípicos (MEDSC).

Estimação de variabilidade (Quattrone & Jones, 1980). Foi pedido aos participantes para avaliarem globalmente a variabilidade grupal, usando uma escala de sete pontos, cujos extremos eram 1 = ‘eles são todos semelhantes’ e 7 = ‘eles são todos completamente diferentes’. Os valores directos fornecidos pelos participantes foram considerados como indicadores da variabilidade grupal percebida (VARIA).

Estereotipicalidade e valência dos traços. Tal como no quarto estudo piloto, foi pedido aos participantes para estimarem a estereotipicalidade de cada um dos traços usados no questionário através de duas escalas de sete pontos, uma para averiguar a estereotipicalidade em relação aos angolanos (1= ‘nada típico dos angolanos’; 7 = ‘muito típico dos angolanos’) e outra para avaliar a estereotipicalidade em relação aos portugueses (1= ‘nada típico dos portugueses’; 7 = ‘muito típico dos portugueses’), e também para estimarem a valência avaliativa de cada traço, através de uma escala de 7 pontos (1= ‘muito negativo’; 7 = ‘muito positivo’).

Estatuto social relativo percebido. Tal como no segundo estudo piloto, foi pedido aos participantes para situarem o endogrupo e o exogrupo em seis escalas (0-100mm) relativas ao nível educacional, ao nível cultural, ao nível económico, ao estatuto social, ao prestígio, e ao poder. A média destas seis escalas foi considerada como um indicador do estatuto social relativo.

Estatuto numérico relativo percebido. Foi pedido aos participantes para estimarem a percentagem de vários grupos na sociedade portuguesa, incluindo os Portugueses e os Angolanos.

3. RESULTADOS

A Tabela 1 resume as várias medidas de variabilidade percebida derivadas do questionário. Estas medidas vão ser a partir de agora designadas pelas respectivas abreviaturas. Os resultados obtidos em cada uma das medidas de variabilidade grupal percebida (PERSC, MEDSC, AMPLI e VARIA) foram submetidos a análises multivariadas de variância tendo o grupo do participante (angolanos vs. portugueses) como variável independente e o grupo-alvo (endogrupo vs. exogrupo) como variável

dependente³. Tal como referido na introdução, esperávamos encontrar uma assimetria nos efeitos de homogeneidade em função do estatuto relativo dos grupos, mais concretamente, esperávamos que o grupo-alvo de estatuto mais baixo (os angolanos) fosse mais homogeneizado do que o grupo alvo de estatuto mais elevado (os portugueses). Neste caso, a hipótese de assimetria nos efeitos de homogeneidade toma a forma de um efeito de interação entre o grupo do participante e o grupo-alvo.

== INSERIR TABELA 1 =====

Controlo do contexto da pesquisa

Antes de analisar os dados relativos aos efeitos de homogeneidade, que constituem o aspecto central da nossa análise de resultados, foi necessário controlar vários aspectos que se prendem com o contexto deste estudo. O estatuto social percebido de ambos os grupos para os participantes angolanos e portugueses, afigurou-se como um aspecto central a controlar. Os resultados do segundo estudo exploratório, realizado com o objectivo de averiguar o estatuto social percebido e o estatuto numérico percebido dos diferentes grupos étnicos em Portugal, indicaram que os portugueses são percebidos como o grupo maioritário e dominante, enquanto que os angolanos são percebidos como um grupo minoritário e dominado. No entanto, os participantes nesse estudo eram todos de nacionalidade e naturalidade portuguesas, pelo que se torna necessário averiguar o consenso na percepção do estatuto destes grupos.

Estatuto social percebido. Os participantes neste estudo atribuem um estatuto mais elevado aos portugueses ($M=57.80$) do que aos angolanos ($M=27.96$), $F(1,158)=290.50$, $p<0.0001$. Os estudantes portugueses percebem o endogrupo ($M=55.80$) como tendo um estatuto significativamente mais elevado do que o exogrupo ($M=26.12$), $F(1,158)=230.49$, $p<0.0001$, enquanto que os estudantes angolanos percebem o exogrupo ($M=61.81$) como tendo um estatuto significativamente mais elevado do que o endogrupo ($M=31.76$), $F(1,158)=104.27$, $p<0.0001$. Estes resultados mostram que existe um consenso no estatuto relativo atribuído a cada um dos grupos:

³ Análises de variância prévias tendo o “sexo do participante” (masculino vs. feminino) e a “ordem de apresentação” (primeiro angolanos vs. primeiro portugueses) como variáveis independentes não

tanto os participantes angolanos como os portugueses atribuem significativamente maior estatuto aos portugueses do que aos angolanos residentes em Portugal.

Estatuto numérico percebido. Quanto ao tamanho relativo dos grupos, os participantes percebem os portugueses como sendo o grupo maioritário (M=62%) e os angolanos como sendo um grupo minoritário (M=7%), $F(1,145)=688.30$, $p<0.0001$. Curiosamente, tanto os participantes angolanos como os portugueses sobestimam a percentagem de angolanos residentes em Portugal (respectivamente, M=8% e M=6%, quando na realidade não chega aos 0.03%) e subestimaram a percentagem de portugueses (respectivamente, M=62% e M=68%, quando na realidade ultrapassa os 97%).

Estes resultados estão em consonância com do nosso pressuposto de que os membros de ambos os grupos perceberiam os portugueses como o grupo dominante e os angolanos como um grupo dominado na sociedade portuguesa. Os resultados mostraram, como previsto, que existe um consenso no estatuto relativo atribuído a cada grupo: tanto os participantes portugueses como os angolanos atribuíram um estatuto social significativamente mais elevado aos portugueses do que aos angolanos residentes em Portugal.

Efeitos de homogeneidade

A Tabela 2 apresenta os resultados das várias medidas de variabilidade grupal percebida. Para as medidas AMPLI e VARIA valores mais elevados correspondem a maior variabilidade grupal percebida. Pelo contrário, para as medidas baseadas na diferença entre os traços estereotípicos e os contra-estereotípicos (PERSC e MEDSC), valores mais elevados correspondem a menor variabilidade grupal percebida.

=== INSERIR TABELA 2 ===

No que respeita a medida PERSC, verificou-se um efeito significativo do grupo-alvo, revelando um efeito de homogeneidade do exogrupo em termos globais: os participantes atribuíram uma maior diferença entre os traços estereotípicos e contra-estereotípicos ao exogrupo ($S - CS = 22.88$) do que ao endogrupo ($S - CS = 14.82$),

produziram quaisquer resultados significativos, pelo que foram realizadas novas análises sem incluir estas

$F(1,160) = 7.70$, $p < 0.006$. O efeito de interacção entre o grupo do participante e o grupo-alvo não alcançou o limiar de significância estatística, $F(1,160)=2.70$, $p<0.101$. A análise do efeito principal do grupo-alvo separadamente para cada grupo de participantes, revelou que os participantes portugueses atribuíram uma maior diferença entre os traços estereotípicos e contra-estereotípicos para o exogrupo ($S - CS=16.60$) do que ao endogrupo ($S - CS=5.97$), $F(1,160)=14.63$, $p<0.0002$, enquanto que esta diferença não foi estatisticamente significativa para os participantes angolanos, $F(1,160)=0.48$, $p<0.489$.

O padrão de resultados da medida MEDSC foi ligeiramente diferente. Verificou-se um efeito principal do grupo-alvo significativo, revelando um efeito de homogeneidade do exogrupo global. Isto é, os participantes atribuíram uma maior diferença entre os traços estereotípicos e os contra-estereotípicos ao exogrupo ($S - CS=24.48$) do que para o endogrupo ($S-CS=15.23$), $F(1,160)=5.52$, $p<0.020$. A interacção entre o grupo-alvo e o grupo do participante também foi significativa, $F(1,160)=9.15$, $p<0.003$. Análises de contrastes revelaram que os participantes portugueses atribuíram uma maior diferença entre os traços estereotípicos e os contra-estereotípicos ao exogrupo ($S - CS=20.71$) do que ao endogrupo ($S - CS=5.70$), $F(1,160)=53.03$, $p<0.0001$, enquanto que os participantes angolanos atribuíram uma maior diferença entre os traços estereotípicos e os contra-estereotípicos ao endogrupo ($S - CS=33.76$) do que ao exogrupo ($S - CS=31.87$), mas esta diferença não foi estatisticamente significativa, $F(1,160)=0.17$, $p<0.678$.

Resumindo, ambas as medidas baseadas na diferença de atribuição de traços estereotípicos e contra-estereotípicos revelaram um efeito de homogeneidade do exogrupo para a globalidade da amostra. No entanto, as análises de contrastes mostraram que este efeito foi muito significativo para os participantes portugueses, visto que estes atribuíram maior conformidade aos estereótipos grupais ao exogrupo do que ao endogrupo, mas não significativo para os participantes angolanos.

A análise dos dados relativos à medida AMPLI, produziu um efeito do grupo-alvo não significativo, $F(1,161)=0.53$, $p<0.469$. A interacção entre o grupo-alvo e o grupo do participante foi significativa, revelando a esperada assimetria nos efeitos de homogeneidade, $F(1,161)=10.11$, $p<0.002$. As análises de contrastes demonstraram que o efeito de homogeneidade do exogrupo foi significativo para os participantes portugueses, visto que estes atribuíram uma maior diferença entre os membros extremos do endogrupo

variáveis.

($M=62.59$) do que do exogrupo ($M=54.47$), $F(1,161)=11.30$, $p<0.001$. Em contrapartida, os participantes angolanos atribuíram uma maior diferença entre os membros extremos do exogrupo ($M=37.08$) do que do endogrupo ($M=31.98$), mas esta diferença não atingiu o limiar da significância estatística, $F(1,161)=2.27$, $p<0.134$.

A análise realizada sobre os valores da medida VARIA produziu um significativo efeito principal do grupo-alvo (endogrupo vs. exogrupo), demonstrando que na sua globalidade os participantes homogeneizaram mais o exogrupo ($M=3.73$) do que o endogrupo ($M=4.41$), $F(1,158)=20.84$, $p<0.0005$. A interacção entre o grupo-alvo e o grupo do participante não foi significativa, $F(1,158)=1.89$, $p<0.172$. A análise do efeito principal do grupo-alvo separadamente para cada grupo de participantes revelou que os participantes portugueses homogeneizaram mais o exogrupo ($M=3.64$) do que o endogrupo ($M=4.43$), demonstrando um efeito de homogeneidade do exogrupo muito significativo, $F(1,158)=6.12$, $p<0.0001$. Este efeito foi também significativo, mas mais fraco, para os participantes angolanos ($M=4.38$ para o endogrupo e $=3.91$ para o exogrupo), $F(1,158)=3.84$, $p<0.052$.

As diversas medidas de variabilidade grupal percebida produziram um padrão consistente de resultados: os membros do grupo dominante exibiram um efeito de homogeneidade do exogrupo significativo (PERSC, MEDSC, AMPLI e VARIA), enquanto que os membros do grupo dominado homogeneizaram de forma similar o exogrupo e o endogrupo (com a excepção da medida VARIA, onde demonstraram um efeito de homogeneidade do exogrupo significativo).

Resumindo, os membros do grupo dominado foram mais homogeneizados do que os membros do grupo dominante. Este padrão de resultados foi encontrado com medidas ligadas aos estereótipos grupais (PERSC e MEDSC), mas também com medidas sem uma conexão directa com os estereótipos (VARIA). Estes resultados estão também em concordância com os obtidos em estudos anteriores em que foram utilizadas medidas implícitas da variabilidade grupal percebida (e.g., Cabecinhas, 1994). Curiosamente, neste estudo podemos verificar que a medida mais explícita (VARIA) foi a única em que obtivemos um efeito de homogeneidade do exogrupo significativo para ambos os grupos de participantes.

4. DISCUSSÃO

O principal objectivo desta pesquisa foi a análise do papel do estatuto relativo dos grupos na percepção da homogeneidade grupal. Nesse sentido, escolhemos dois grupos com estatuto assimétrico na sociedade portuguesa: o grupo maioritário (portugueses) e um grupo minoritário (angolanos). Tendo em conta a perspectiva de Lorenzi-Cioldi (1988, 1998), prevíamos uma manifestação assimétrica do efeito de homogeneidade do exogrupo em função do estatuto social relativo dos grupos: esperávamos um efeito de homogeneidade do exogrupo significativo da parte dos participantes portugueses, e a ausência deste efeito da parte dos participantes angolanos. Isto é, globalmente, esperávamos que os angolanos fossem percebidos de forma mais homogénea do que os portugueses.

Nas diversas medidas de variabilidade grupal percebida utilizadas neste estudo encontramos um padrão consistente de resultados. De acordo com as nossas previsões, verificou-se uma assimetria na percepção da homogeneidade grupal em função do estatuto relativo dos grupos. O grupo dominante apresenta um efeito de homogeneidade do exogrupo significativo enquanto que o grupo dominado homogeneizou igualmente o exogrupo e o endogrupo.

Este resultado foi obtido em medidas ligadas aos estereótipos grupais, mas também em medidas sem ligação directa ao conteúdo dos estereótipos. Assim, no que respeita os efeitos de homogeneidade, os dados suportam a nossa hipótese: o efeito de homogeneidade manifesta-se assimetricamente em função do estatuto relativo dos grupos em presença. Replicam assim os resultados encontrados noutras pesquisas com grupos cujo relacionamento é caracterizado por uma forte assimetria de estatuto (e.g., Lorenzi-Cioldi, 1993, Lorenzi-Cioldi *et al.*, 1995).

O ‘clássico’ efeito de homogeneidade do exogrupo não chega para descrever os nossos resultados. Estes são melhor compreendidos se considerarmos a acção combinada de dois efeitos: o *efeito de homogeneidade do exogrupo* (a tendência para homogeneizar o exogrupo relativamente ao endogrupo); e o *efeito de homogeneidade do grupo dominado* (a tendência para homogeneizar o grupo dominado relativamente ao grupo dominante). Para os participantes portugueses estes dois efeitos reforçam-se mutuamente, o que se traduz numa forte homogeneização do exogrupo. Em contraste,

para os participantes angolanos estes dois efeitos neutralizam-se mutuamente, o que se traduz num efeito de homogeneidade do exogrupo não significativo, ou até mesmo na exibição de um efeito de homogeneidade do endogrupo.

Como conclusão, podemos salientar a insuficiência dos modelos puramente cognitivos na análise dos enviesamentos que ocorrem na percepção dos grupos sociais. Os nossos dados demonstram que a identidade social tem um impacto significativo na percepção da dos grupos sociais, conduzindo a enviesamentos assimétricos conforme o estatuto relativo dos grupos em presença. Conforme argumenta Deschamps (1982, p.90), podemos falar em duas modalidades de identidade social, em função do capital material e simbólico dos grupos de pertença dos indivíduos. Os dominantes são definidos como seres singulares, ‘sujeitos’, actores voluntários, livres e autónomos. Os dominados são definidos como elementos indiferenciados de um grupo, como ‘objectos’. Uns são percebidos como *pessoas* singulares, os outros são como *membros* de um grupo homogéneo. Dito por outras palavras: “somos todos diferentes, mas há uns mais diferentes que outros”.

5. Referências

- Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino: A Construção Social da Diferença*. Porto: Afrontamento.
- Cabecinhas, R. (1994). *Assimetrias na percepção dos outros: para uma abordagem psicossociológica do processamento da informação sobre grupos sociais*. Dissertação de Mestrado, ISCTE, Lisboa.
- Cabecinhas, R. (1996). Enviesamentos na percepção dos grupos sociais: o papel da posição social e do contexto. *Análise Psicológica*, 1 (XIV), 73-86.
- Deschamps, J-C. (1982). Social identity and relations of power between groups. In H. Tajfel (Ed.) *Social Identity and Intergroup Relations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Devos, T., Comby, L., & Deschamps, J.-C. (1996). Asymmetries in judgements of ingroup and outgroup variability. In Stroebe, W. & Hewstone, M. (Eds.), *European Review of Social Psychology* (vol. 7, pp.95-144). Chichester: Wiley.
- Gilbert, G. M. (1951). Stereotype persistence and change among college students. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 46, 245-254.
- Guillaumin, C. (1992). *Sexe, Race et Pratique du Pouvoir: L'idée de Nature*. Paris: Côté-femmes.
- Hamilton, D. L. (1979). A cognitive-attribitional analysis of stereotyping. In L. Berkowitz (Ed.), *Advances in Experimental Social Psychology* (vol. 12, pp.53-84). New York: Academic Press.
- Katz, D., & Braly, K. W. (1933). Racial stereotypes of one hundred college students. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 28, 280-290.
- Krueger, J. (1992). On the overestimation of between-group differences. In W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European Review of Social Psychology* (vol. 3, pp.31-56). Chichester: Wiley.

- Lippman, W. (1922). *Public Opinion*. New York: Harcourt & Brace.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1988). *Individus Dominants et Groupes Dominés*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1993). They all look alike, but so do we... sometimes: Perceptions of in-group and out-group homogeneity as a function of sex and context. *British Journal of Social Psychology*, 32, 111-124.
- Lorenzi-Cioldi, F. (1998). Group status and perceptions of homogeneity. In W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European Review of Social Psychology* (vol.9, pp. 31-75). Chichester: Wiley.
- Lorenzi-Cioldi, F., & Doise, W. (1990). Levels of analysis and social identity. In D. Abrams & M. A. Hogg (Eds.), *Social Identity Theory: Constructive and Critical Advances and Research* (pp.71-88). London: Harvester.
- Lorenzi-Cioldi, F., Deaux, K., & Dafflon, A.-C. (1998). Group homogeneity as a function of relative social status. *Swiss Journal of Psychology*, 57, 255-273.
- Lorenzi-Cioldi, F., Eagly, A. H., & Stewart, T. L. (1995). Homogeneity in gender groups in memory. *Journal of Experimental Social Psychology*, 31, 193-217.
- Oakes, P. J., Haslam, S. A., & Turner, J. C. (1994). *Stereotyping and Social Reality*. Oxford: Blackwell.
- Park, B., & Judd, C. M. (1990). Measures and models of perceived group variability. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 173-191.
- Park, B., & Rothbart, M. (1982). Perception of out-group homogeneity and levels of social categorization: Memory for the subordinate attributes of in-group and out-group members. *Journal of Personality and Social Psychology*, 42, 1051-1068.
- Quattrone, G. A., & Jones, E. E. (1980). The perception of variability within ingroups and outgroups: Implications for the law of small numbers. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38,141-152.

- Simon, B. (1992). The perception of ingroup and outgroup homogeneity: Reintroducing the social context. In W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European Review of Social Psychology* (vol. 3, pp. 1-30). Chichester: Wiley.
- Simon, B., & Pettigrew, T. F. (1990). Social identity and perceived group homogeneity: Evidence for the ingroup homogeneity effect. *European Journal of Social Psychology*, 20, 269-286.
- Simon, B., Glässner-Bayerl, B., & Stratentwerth, I. (1991). Stereotyping and self-stereotyping in a natural intergroup context: The case of heterosexual and homosexual men. *Social Psychology Quarterly*, 54, 252-266.
- Snyder, M. (1981). On the self-perpetuating nature of social stereotypes. In D. Hamilton (Ed.), *Cognitive Processes in Stereotyping and Intergroup Behavior*. Hillsdale, New Jersey: Erlbaum.

Tabela 1 – Medidas derivadas do questionário e respectivas abreviaturas

Tarefas	Medidas de variabilidade grupal percebida
Estimação de percentagens	PERSC: traços estereotípicos – traços contra-estereotípicos
Estimação de médias	MEDSC: traços estereotípicos – traços contra-estereotípicos
Estimação de amplitudes	AMPLI: diferença entre os valores extremos
Estimação de variabilidade	VARIA: variabilidade percebida (valores directos)

Tabela 2 – Médias (e desvios-padrão) das medidas de variabilidade grupal percebida

Medidas	Grupo do participante					
	Angolanos (N=55)		Portugueses (N=108)		Total (N=163)	
	Endogrupo	Exogrupo	Endogrupo	Exogrupo	Endogrupo	Exogrupo
PERSC						
S	69.88 (14.97)	70.45 (21.86)	54.67 (16.07)	57.00 (17.27)	59.74 (17.24)	61.54 (19.93)
CS	37.35 (14.23)	35.25 (17.17)	48.69 (16.58)	40.40 (17.28)	44.91 (16.68)	38.66 (17.37)
S - CS	32.53 (18.15)	35.20 (26.10)	5.97 (21.05)	16.60 (24.89)	14.82 (23.68)	22.88 (26.72)
MEDSC						
S	72.92 (13.04)	74.63 (20.41)	57.35 (16.50)	62.28 (16.50)	62.63 (17.06)	66.44 (18.79)
CS	39.15 (17.16)	42.75 (22.13)	51.64 (15.26)	41.56 (16.49)	47.40 (16.95)	41.97 (18.52)
S - CS	33.76 (24.79)	31.87 (32.52)	5.70 (22.44)	20.71 (24.57)	15.23 (26.75)	24.48 (27.91)
AMPLI	31.98 (33.11)	37.08 (23.42)	62.59 (23.96)	54.47 (27.39)	52.26 (30.91)	48.60 (27.32)
VARIA	4.38 (1.48)	3.91 (1.69)	4.43 (1.17)	3.64 (1.23)	4.41 (1.28)	3.73 (1.40)

Nota: S - CS = Média dos traços estereotípicos *minus* Média dos traços contra-estereotípicos.